

ÁFRICA: integração e possibilidades¹

Dairla da Silva Rodrigues²
Jefferson Cesar Rodrigues³
Sebastião Silas de Souza Mendes⁴

Resumo

África, um vasto continente, de dimensões complexas e heterogêneas, foi berço da humanidade, possui uma das maiores riquezas naturais-minerais, é uma região estratégica, possui rica cultura e uma dinâmica própria, vai muito além dos estereótipos criados, e designados para descrevê-la. Sendo assim, possui um histórico importante, mas relegado. Diante do processo de globalização, a sua (re)integração assume um papel importante na regionalização mundial, detentora de grandes riquezas, e os investimentos são direcionados para este continente, emergindo como alternativa de recursos. Mesmo com um notável crescimento recentemente, a África vive ainda sob contradições, uma região rica que possui altos índices de desigualdade e pobreza mundial, e marcados por intensos conflitos étnicos por poder. Assim, o continente africano integra-se à economia mundial.

Palavras-chave: África, integração, fragmentação, regionalização.

Introdução

A África é um continente de complexidades impressionantes, com grande diversidade em aspectos físicos e humanos. São riquezas minerais, étnicas, culturais. Devido a essas heterogeneidades e a essa dimensão que esta região representa, poderíamos dizer que são muitas Áfricas em um mesmo continente.

Assim, o presente trabalho aborda sobre a importância africana no contexto mundial, diante deste processo de globalização que está em curso, o continente se insere nessa nova dinâmica mundial, que articula-se às estratégias de formação de blocos econômicos, buscando o seu fortalecimento frente ao mundo.

O continente africano apresenta uma profunda questão geopolítica, pois, é detentor de inúmeras fontes de recursos minerais como petróleo, jazidas de metais preciosos e, ainda grande produtor/exportador de *commodities*, dada a situação de integração regional africana a essa economia-mundo, e com a procura cada vez maior dos países desenvolvidos explorar por fontes de energia.

¹ Trabalho elaborado pelos discentes do 7º período do curso de licenciatura em Geografia da turma de Sena Madureira na disciplina de Regionalização do Espaço Mundial, ministrada pelo Prof. José Alves.

² Discente do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Acre, núcleo Sena Madureira. Email: geografiasm2015@gmail.com

³ Discente do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Acre, núcleo Sena Madureira. Email: rodrigues.jr48@gmail.com

⁴ Discente do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Acre, núcleo Sena Madureira. Email: silas.s3m@gmail.com

Portanto, todos estes fatores fazem do continente africano um grande receptor dos investimentos estrangeiros; bastante capital é investido na região; as perspectivas de um desenvolvimento articulam-se de forma modesta, e desenha-se uma regionalização.

Nesse sentido, o objetivo desse artigo é mostrar como se desenvolvem as ações políticas para buscar a integração do mercado econômico africano, a sua integração frente ao mercado mundial, juntamente com a importância que a África assume no contexto mundial econômico e as implicações que podem surgir a partir deste processo.

1- África: contexto histórico e riquezas

Apresenta-se uma visão errônea do povo africano, a respeito do seu modo de viver, muitas tribos ainda vivem em aldeias, da sua cultura e suas crenças, são estereótipos criados a partir de uma visão distorcida. Acredita-se que os africanos ainda são povos primitivos, por isso, há muito preconceito com estes povos, por possuírem uma diversidade que vai além dos safáris realizados na região africana; como se todos vivessem as mazelas sociais existentes neste continente, realmente a fome, pobreza e conflitos ainda são um dos problemas que assolam boa parcela que sobrevive com o mínimo possível.

O continente africano possui problemas sim, mas, o que queremos abordar é sobre essa outra África, que tem em si essa riqueza cultural, que tem seus costumes próprios. Há um preconceito em relação à sua história, seu passado é relegado, pois, é o berço da humanidade, onde o homem surgiu e a partir daí povoou o mundo. Este rico e vasto continente foi palco dos grandes acontecimentos da história da humanidade, os povos, os grandes reinos, como o egípcio, a África tem sua contribuição ao mundo.

A região africana é amplamente favorecida por recursos naturais, principalmente os energético-minerais, fonte das matrizes energéticas das principais potências mundiais e origem de disputas territoriais. Existe uma grande diversidade natural, uma parte da natureza que somente é encontrada na África. Dentre suas riquezas minerais, como petróleo, abundante no continente e importante fonte energética, boa parte é exportada para vários países, mineral como pedras preciosas que são exploradas no continente. “De forma geral, a África abarca cerca de 30% dos recursos naturais do planeta e 58% de suas exportações são compostas por combustíveis e minerais”. (MACHADO, 2012, p. 27). Desta forma, o continente tem reservas consideráveis no tocante aos recursos que dispõem.

A cultura deste continente é impressionante, pois, existe uma grande diversidade étnica e linguística, cada tribo tem as suas peculiaridades, como língua ou dialeto próprio,

algumas culturas ainda primitivas que guardam os ritos e os costumes de seus ancestrais. Por exemplo, a África do Sul tem cerca de 35 línguas, e destas, 11 são as principais, mais faladas, tendo desta forma uma diversidade bastante complexa, dentro de um mesmo país existem inúmeras tribos, muitas delas rivalizam entre si, que é causa de inúmeros conflitos pelo continente.

A África é formada por 54 países, que têm distintas etnias, culturas e distribuição social, assim como aspectos econômicos e políticos diferentes. Depois da Ásia, é o continente mais populoso do mundo. As diferenças de etnias e religiões geram confrontos em alguns países. Regiões de Ruanda e Burundi sofreram com as disputas entre hutus e tutsis, etnias adversárias. (CORREIO BRASILIENSE, 2013).

Muitos costumam conceituar a cultura africana como atrasada, de que são povos primitivos que precisariam ser civilizados, essa foi umas das justificativas para a dominação e colonização africana. Essa rica cultura foi levada para várias partes do mundo, como no Brasil, durante o tráfico de escravos, onde aqui, foram forçados a trabalhar, foram libertos, passaram a viver suas vidas e continuaram a manter suas tradições, seus costumes, e contribuíram para a formação da identidade deste país assim como outros.

2- Colonialismo e imperialismo em solo africano

O continente africano foi umas das regiões do mundo que sofreram bastante com o processo de intervenção e exploração, o que levou a muitas transformações no seu espaço. Primeiramente com o colonialismo que se deu no período das grandes “descobertas” ultramarinas em meados do século XV, com instalações de feitorias ao longo da sua costa, explorando somente seu litoral. A economia deste período era baseada na troca desigual, a partir deste período já passa a haver uma modesta interferência no continente africano. Neste período, a dominação e venda dos africanos, em forma de trabalho escravo, muitos foram levados a força para várias partes do mundo para trabalhar nos empreendimentos europeus. Abriram-se os caminhos para colonização e com isso, buscavam o que lhes interessava, conforme ressalta Andrade (1999, p.14) de que “a disputa da África seria feita também por outros povos europeus que se lançaram a conquista e formação de colônias, em seguida aos portugueses”.

Posteriormente, a África sob domínio das nações europeias estava baseado na exploração, domínio forçado de tribos sobre as outras, o tráfico de negros e a exploração em

curso. Mas nada tão significativo como o que viria futuramente a esse período. Como afirma Boahen (2010, p. 01.), “o desenvolvimento desse drama foi verdadeiramente espantoso, pois até 1880 apenas algumas áreas bastante restritas da África estavam sob a dominação direta dos europeus”. O continente foi dividido, os antigos reinos e impérios que existiam dão lugar às novas colônias. Mas, o domínio não foi tão fácil assim, visto que poucos reinos ou países se opuseram inicialmente às propostas dos europeus, resistindo de forma diplomática ou mesmo se precisasse usar força como diz Boahen (2010, p. 03, *apud* UNESCO, 2010, p. 03):

Na sua esmagadora maioria, autoridades e dirigentes africanos foram profundamente hostis a essa mudança e declararam decididos a manter o *status quo e*, sobretudo, a assegurar a soberania e independência, pelas quais praticamente nenhum deles estava disposto a transigir, por menos que fosse.

A resistência de alguns líderes africanos não impediu o domínio sobre os territórios, em alguns casos ofereciam-se benefícios aos reis, às elites e demais líderes africanos como proteção, obras de benefícios para a população local, como podemos observar:

A maioria das tribos aceitou rapidamente a dominação européia, considerando que ela fazia parte de uma ordem irresistível, da qual podiam extrair numerosas vantagens, essencialmente a paz, e inovações apaixonantes: ferrovias e estradas, lâmpadas, bicicletas, arados, culturas e alimentos novos e tudo o que podia ser adquirido ou provado nas cidades. Essa dominação trouxe às classes dirigentes – tradicionais ou recém criadas – maior autoridade e segurança, bem como novas formas de riqueza e de poder (PERHAM *apud* BOAHEN, 2010, p.10).

Durante a colonização, foram tempos muito difíceis para o povo africano, causando grandes consequências. Muitas lutas para por fim ao domínio, influenciadas em parte pela Segunda Guerra Mundial, que contribuiu para o início das revoltas com intensos conflitos e que resultaram na autonomia destes países. Um sentimento em comum aos revoltados, baseado na união, solidariedade, identidade do povo africano, chamado pan-africanismo.

Após as lutas e independência, buscam-se alternativas para reverter os anos de exploração, pois, o legado que ficou foram consequências bastante danosas ao continente; conflitos e lutas armadas surgem por disputas territoriais e por controle e poder; a guerra civil e golpes militares tornam-se constantes em muitos destes países, sendo que questões étnicas, políticas e econômicas são as principais causas dos embates.

A população é estimulada ao conflito, a grande diferença é que a mobilização identitária é um dos grandes artifícios das elites e das lideranças políticas para inflamar a população civil ao combate armado. (LUNARDON, 2010)

Em relação aos problemas, são comuns a instabilidade, as mortes e o medo, que se instalou em várias partes da África, o que leva as constantes migrações como (intra)extrarregional africana; existem os fundamentalismos religiosos que são intolerantes, não permitem certas práticas como mulheres estudarem; o terrorismo entra em cena, muitos grupos atuam em regiões da África impondo suas leis à população, como o Boko Haram (GALITO, 2017) e seus sequestros constantes aterrorizam a África subsaariana.

Estes problemas levam uma massa a viver em constante processo migratório, buscando melhores condições e a Europa é a opção de quem busca fugir da morte, mas quem disse que esta quer recebê-los? Pelo contrário, a questão é tratada como invasores, clandestinos, terroristas, perigosos. Muitos se arriscam em pequenas embarcações no Mediterrâneo para entrar no continente europeu, com isso, buscando outras rotas alternativas, e poucos países ajudam os refugiados.

O número de refugiados é impressionante, quando estamos falando de um movimento migratório, segundo um relatório publicado pelo instituto americano Pew Research Center apud Folha de São Paulo: “A migração vinda da África Subsaariana para a Europa cresceu de maneira drástica nesta última década, com a chegada de ao menos um milhão de pessoas desde 2010” (BERCITO, 2010).

Assim, a Europa é a principal alternativa para os africanos. Essa situação é fruto do processo de exploração instalado na África legitimado pelas nações, suas antigas colônias agora mergulhadas em problemas. A Europa, em uma situação confortável agora inverte os papéis coloca-se em uma situação vitimista, pois, aponta e acusa os perigos e os impactos que os possíveis invasores podem causar.

3- Integração regional africana e perspectivas

Já na segunda metade do século XX com o fim da colonização resultado de muitos conflitos, as consequências foram bastante desastrosas para o continente, mas sempre buscando saídas para os problemas.

A globalização, já em curso na região, viu a necessidade de criar mecanismos para o desenvolvimento, assim, a partir de 1960 a África cria uma organização dos Estados recém saídos dos seus dominadores, neste período institui a OUA- Organização da Unidade

Africana. Como afirma Diallo (2005, p.08), “a perspectiva de integração da África não é nova e se inscreve no momento da globalização iniciado há quase um século [...]”. Assim, a integração regional abriria possibilidades em toda sua conjuntura, e principalmente nesse momento em que o mundo vive a globalização econômica. Enfim, desenha-se uma regionalização africana tímida e modesta nesse cenário.

Para o continente africano em particular, a integração regional apresenta-se como uma alternativa possível à sua posição marginal mediante o processo de globalização. Assim sendo, a criação da União Africana demonstra uma preocupação das elites locais na busca por novos caminhos, com vistas a superar os desafios do desenvolvimento do continente negro. (HAFFNER, 2013)

Portanto, a OUA surge com o objetivo de promover a união dos países africanos, para cooperação, entre estes buscar o seu fortalecimento perante as crises existentes no mundo. O pan-africanismo traz uma ideologia de união de todos os povos africanos, e que essa união não somente econômica, mas política, social, filosófica. Agora, a UA- União Africana, sucedendo à antiga OUA, tem por objetivo dar continuidade nas políticas de integração e desenvolvimento africano, focando a solidariedade entre os países, o desenvolvimento econômico e assim reduzir as desigualdades, e os problemas deixados pelo colonialismo.

Após a independência de seus territórios, e sob a onda do processo de globalização, nota-se um crescimento econômico; a integração traz possibilidades, pois, abre-se caminho para uma estabilidade regional. Assim, o continente assume papel de destaque no contexto mundial, ou seja, deixa de ser uma região abandonada. Essa integração é significativa, são muitos os investimentos implantados na região, essa relação entre os centros mundiais e a África pode ser positiva, espera-se que este despertar econômico possa gerar um desenvolvimento econômico-social, e assim por fim as mazelas existentes no continente. E esse novo horizonte que se formou sobre o continente pode trazer possibilidades.

No início do século XXI, a África passou a ser uma alternativa para exploração de recursos por alguns países. Notam-se crescentes investimentos estrangeiros, como ressalta Mary (2013, p. 205) “demonstraram também a explosão dos investimentos estrangeiros na África. Estes saltaram de US\$ 9 bilhões em 2000, para US\$ 62 bilhões, em 2008”, ou seja, são muitos capitais investidos oriundos dos EUA, França, Índia, Brasil.

Na tentativa de ampliar sua influência política e econômica no continente, os chineses têm financiado obras de infraestrutura e se tornado responsáveis por serviços básicos em países que, em troca, contratam empresas chinesas ou tornam-se importantes fornecedores de recursos naturais para o país asiático. (BBC, 2013).

Estes capitais investidos merecem atenção dentro da balança comercial, pois a região é produtora de matérias primas e utilizam seus produtos como moeda de troca. Poucos os países que despontam com seu potencial econômico, como a África do Sul, e dentre outros. As riquezas existentes podem ajudar no crescimento da região, e também podem atrair cobiça, dependência e mais desigualdade, e outras questões inerentes neste processo de globalização. O continente tem atraído muitos capitais de vários países, se tornando local das oportunidades inclusive para o Brasil, onde as empresas estão indo em busca de estreitar relações.

4- Investimentos brasileiros na África

Recentemente, o Brasil passou a direcionar um considerável volume de recursos para o continente africano, os investimentos brasileiros ainda são modestos comparado com demais países como a poderosa China. Mas, este montante vem crescendo ano após ano, e o desembarque brasileiro no continente é motivado por muitos interesses, buscando dinamizar setores que os outros investidores não dão devida relevância, ou não é atraente aos seus investimentos. A setorização, no caso brasileiro, é uma alternativa de criar condições para que se consolide as relações entre o Brasil e o continente africano. Como observamos no seguinte trecho:

[...] A África precisa de infraestrutura e o Brasil tem muitas empresas de construção. A África se baseia em petróleo e minerais em abundância; o Brasil tem as empresas para tirá-los. Seus gigantes do agronegócio também estão de olho na África. Se a economia do continente continuar a crescer como nos últimos anos, produzirá milhões de clientes, como a nova classe média do Brasil. (THE ECONOMIST, 2012).

Estas relações que vão configurando-se com o andamento das geopolíticas dos investimentos. Portanto, observa-se que o país tem muito potencial investidor, em relação a determinados setores como exemplo, a produção agrícola brasileira, onde temos uma grande produção, com emprego de tecnologias avançadas, e resulta em bons rendimentos, tanto na produtividade como nos lucros; o agronegócio está sendo bem visto por ambas as partes como algo vantajoso, pois, justifica-se que poderá diminuir as dificuldades existentes naquela região como a fome, miséria e outras mazelas. E recentemente os avanços sobre essa questão tem

sido positivos, pois, as pesquisas já estão sendo realizadas com apoio de instituições como a Embrapa, com o objetivo de implantar o modelo brasileiro no continente.

Desde meados de 2011 está em construção um megaprojeto voltado para o agronegócio na África, chamado Prosavana⁵, que visa implantar e desenvolver a “agricultura” em Moçambique, levando oportunidades à população local. “Esta é a única agricultura capaz de criar empregos dignificantes e duradouros, conter o êxodo rural, produzir alimentos de qualidade e em quantidade suficiente para toda a Nação moçambicana” (BRASIL DE FATO, 2012.). Muitas são as justificativas para que as savanas africanas tornem-se grandes lavouras do agronegócio, sendo desta maneira, considerada como a nova fronteira agrícola brasileira.

A questão sobre este megaprojeto se circunscreve em questões muito semelhante a que temos no Brasil; os impactos que poderão causar, como a questão do uso da terra, a expropriação, os conflitos, o subemprego, entre outros problemas que poderão vir a surgir.

A integração regional africana é importante, mas as possibilidades e o desenvolvimento econômico devem beneficiar o próprio povo africano. Essa relação que está se construindo, a partir de acordos econômicos, e os vultuosos investimentos na região, podem viabilizar um projeto desenvolvimentista que possa integrar o continente, mas que não acentue ainda mais os problemas existentes.

Considerações finais

A África durante muito tempo se viu subjugada ao mundo, e tantos outros que foram dominados e explorados durante muito tempo, o continente conseguiu a devida liberdade política em meio a tantos conflitos, que ainda marcam cotidianamente o continente. Muitas são ainda as dificuldades como a fome, os conflitos, a pobreza, a miséria que assolam milhares de africanos. Essa nova regionalização que se desenha no período atual, o sentimento de um continente unificado por um só objetivo que possa reduzir as desigualdades, e por fim nos problemas, a visão de uma nova África dependerá de quem tem em mãos o poder; o continente assume papel de importância ao mundo, o velho continente abandonado ganha nova dimensão em que todos querem novamente sua fatia, e já sabemos quais são seus reais interesses.

⁵ Projeto trilateral entre Brasil, Japão e Moçambique que visa basicamente implantar o agronegócio. Ver em : <http://www.cciabm.com/informacoes/projeto-prosavana>

Assim, o estudo sobre o continente africano, nos mostra sobre suas possibilidades que o mesmo vive, de desenvolver-se economicamente, socialmente, entre outros benefícios que se apresentam como grandes alternativas a esta região, ou seja, um crescimento de fato. Mas, vive ao mesmo tempo um dilema de continuar na mesma situação de dependência e se ver explorada sem benefício nenhum.

A regionalização africana deve ser feita a partir dos próprios africanos, da sua própria realidade, com suas potencialidades, esse “novo” olhar para o continente africano pode trazer os velhos problemas que este continente ainda vive dos resquícios do passado. Assim, o continente vive a possibilidade de despontar como potência regional ou continuará sendo explorada por seus antigos dominadores. Cabe aos líderes africanos o futuro da África.

Referências

- ANDRADE, Manuel Correia. **Imperialismo e fragmentação do espaço**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 1999.
- BBC. **Mapa do investimento chinês na África revela destino de US\$ 75 bi**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/04/130430_china_africa_ru>. Acesso em: 17 de jun. de 2018.
- BERCITO, D. **Europa recebeu 1 milhão de imigrantes da África Subsaariana desde 2010**. Março de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/03/europa-recebeu-1-milhao-de-imigrantes-da-africa-subsaariana-desde-2010.shtml>. Acesso em: agosto de 2018
- BOAHEN, A. A. (org.): **História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. 1040 p.
- CORREIO Brasiliense. **Com 54 países, a África é um continente repleto de diferenças culturais**. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2013/01/05/interna_mundo,342591/com-54-paises-a-africa-e-um-continente-repleto-de-diferencas-culturais.shtml>. Acesso em: 17 de jun. de 2018.
- DIALLO, Alfa Oumar. **Integração Africana: da Organização da Unidade Africana à União Africana**. Espaço Jurídico. Unoesc, v. 6, n. 1, p 7-20. 2005. p. 08. Disponível em: <http://editora.unoesc.edu.br/index.php/espacojuridico/article/view/8798/4836>. Acesso em: Agosto de 2018.
- GALITO, M. S. **Boko Haram**. Os Talibans da Nigéria. Lisboa: CEsA/CGS, 2017. Disponível em: <https://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/RePEc/cav/cavwpp/wp157.pdf> p. 4. Acesso em: Agosto de 2018.
- HAFFNER, J. A. H.; VIANA, G. E. S. **União Africana(UA): Desafios e Oportunidades da Integração**. Conjuntura Austral, v 4, nº20, out - nov de 2013. p. 69
- LUNARDON, J. A. **Conflitos armados contemporâneos na África negra e suas causas ambientais**. Porto Alegre, 2010. 50 p. Monografia (relações internacionais)- Departamento de Economia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/28369/000770754.pdf>. Acesso em: Agosto de 2018.

MARY, Cristina, Pessanha. África: Integração e Fragmentação. In: _____ Haesbaert, Rogério. (org) **Globalização e Fragmentação no mundo contemporâneo**. Niterói: UFF, 2013, p. 193 – 215

Submetido em: agosto de 2018

Aceito em: setembro de 2018